

A transcendência acima da imanência: a
Alma na mística de São Bernardo de Claraval
(1090-1153)¹

*Transcendence above immanence: the Soul
in mysticism of Bernard of Clairvaux
(1090-1153)*

Ricardo DA COSTA²

Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Brasil

Recibido: 23-09-2008

Aceptado: 26-01-2009

Resumo

Este trabalho versará sobre o conceito de *alma* desenvolvido na mística do abade Bernardo de Claraval (1090-1153). Para isso, analisaremos, principalmente, extratos de cinco escritos seus: a *Terceira Série de Sentenças*, três de seus *Sermões Litúrgicos*, e a parábola *As Três Filhas do Rei*.

Palavras-chave: Alma – Mística medieval – Bernardo de Claraval.

Abstract

This work will examine the concept of soul developed in mysticism of abbot Bernard of Clairvaux (1090-1153). For this, I will analyze extracts of five writings namely the *Third Series of Sentences*, three of his *Liturgical Sermons*, and the parable *The Three Children of the King*.

¹ Trabalho apresentado no Colóquio de Filosofia da Religião 2008 – *Transcendência e Imanência* – ocorrido entre os dias 27, 28 e 29 de outubro de 2008 na UFRJ (IFCS – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais). Coordenação do evento: Marcus Reis Pinheiro, Eduardo Guerreiro B. Losso, Fabíola Menezes e Bianca Tossato. Agradeço sobremaneira a leitura crítica feita pelo meu querido irmão, Sidney Silveira.

² *Professor efetivo* da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Site: www.ricardocosta.com

Keywords: Soul – Medieval mysticism – Bernard of Clairvaux.

1. O socratismo cristão

O caminho da transcendência passava, segundo os místicos medievais, pela *experiência interior*, de raiz fundamentalmente socrática. A *reflexão da interioridade*. Agostinho (354-430) já havia alertado para que não saíssemos de nós, para que, constantemente, nos voltássemos para nós mesmos, pois no interior do homem residia a verdade (*De vera religione*, § 39).

Bernardo de Claraval (1090-1153) bem o sabia³ – e em uma notável passagem de uma importante obra sua, *Da Consideração* (1149-1152), ele reiterou essa máxima agostiniana com belíssimas pinceladas ciceronianas, encharcadas de considerações sapienciais bíblicas:

A te tua consideratio inchoet, ne frustra extendaris in alia, te neglecto. Quid tibi prodest si universum mundum lucreris, te unum perdens? Et si sapiens sis, deest tibi ad sapientiam, si tibi no fueris. Quantum vero? Ut quidem senserim ego, totum. Noveris licet omnia mysteria, noveris lata terrae, alta caeli, profunda maris, si te nescieris, eris similis aedificant sine fundamento, ruinam, non structuram faciens.

Quidquid extruxeris extra te, erit instar congesti pulveris, ventis obnoxium. Non ergo sapiens, qui sibi non est. Sapiens sibi sapiens erit, et bibet de fonte putei sui primus ipse. A te proinde incipiat tua consideratio; non solum autem, et in te finiatur.

Comece tua consideração por ti, não te ocupes de outras coisas e negligências a ti. De que serve ganhar o mundo inteiro se te perdes?⁴ Por mais sábio que sejas, não possuis toda a sabedoria se não és sábio contigo mesmo. E quanto de sabedoria te faltaria? Em meu modo de ver, tudo. Ainda que conheças todos os mistérios⁵, a largura da terra, a altura dos céus, as profundezas do mar⁶, se és um néscio para consigo mesmo serás como aquele que edifica sem os fundamentos⁷, e levanta uma ruína, não um edifício.

Tudo o que construíres fora de ti será como pó amontoado levado pelo vento. Pois não é sábio aquele que não o é consigo. O sábio será sábio por si⁸, e beberá primeiro de sua

³ “La vía del socratismo cristiano alcanza confirmación en la obra de San Bernardo”, RAMÓN GUERRERO, Rafael. *Historia de la Filosofía Medieval*. Madrid: Ediciones Akal, 2002, p. 167.

⁴ “De fato, que aproveitará ao homem se ganhar o mundo inteiro, mas arruinar a sua vida?”, Mt 16, 26.

⁵ “Ainda que eu tivesse o dom da profecia, o conhecimento de todos os mistérios e de toda a ciência, ainda que eu tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, se não tivesse a caridade, eu nada seria”, 1Cor 13, 2.

⁶ “Entraste pelas fontes do mar, ou passeaste pelo fundo do abismo?”, Jó 38, 16.

⁷ “Aquele, porém, que escutou e não pôs em prática é semelhante a um homem que construiu sua casa ao rés do chão, sem alicerce. A torrente deu contra ela, e imediatamente desabou; e foi grande a sua ruína!”, Lc 6, 49.

⁸ “Se fores sábio, o serás para o teu proveito; se te tornas zombador, somente tu o pagarás”, Pr 9, 12.

própria fonte.⁹ Assim, comece por ti tua consideração e acabe também em ti (*Da consideração*, III.6).

Assim, para que meditassem sobre o seu “eu”, os cristãos deveriam se voltar para o mais recôndito de suas almas:

Applica intus auditum, reflecte oculos cordis, et proprio disces experimento quid agatur. Nemo enim scit quae sunt in homine, nisi spiritus hominis qui in ipso est.

Aplica teu ouvido ao teu interior, reflita com os olhos do coração e saberás, por experiência própria, o que ali se encontra. Ninguém sabe o que há no homem a não ser o espírito do homem que está dentro dele¹⁰ (*Aos clérigos, sobre a conversão*, III.4).

2. O que é a alma?

Para Bernardo, fiel seguidor das palavras de Paulo, apesar de o “animal homem” (*animalis homo*) não perceber o que é próprio do espírito, o homem espiritual pode julgar tudo sem ser julgado.¹¹ E, embora a alma seja magna por ser imagem e similitude divina, só pode sentir em forma de enigma e por espelho enquanto peregrina nesse mundo (*Terceira Série de Sentenças*, 124).

Mas, apesar de peregrina, ela é uma maravilha da Criação (*Terceira Série de Sentenças*, 127), tem afinidade com o Verbo (*Sermão 82*, I.1) e, por isso, sua natureza é excelente, nobre, deliciosa (!), e aspira aos afetos espirituais (*Terceira Série de Sentenças*, 92). O Verbo é imagem – imagem da Verdade, da Sabedoria e da Justiça – e por haver uma relação recíproca e de correspondência entre o que é imagem e o que é segundo a imagem, a alma é segundo a Imagem (*Sermão 80*, 2).

Dotada de razão e poder para a felicidade eterna (*Sobre o Salmo 90, Sermão 4*, 1), a alma é capaz de majestade e de eternidade (*Sermão 80*, III.5). É razão, memória e vontade (*Aos clérigos, sobre a conversão*, VI.11); é racional, mas também é irracional e concupiscível:

Constat enim animarum triplicem esse naturam. Unde et sapientes mundi huius animam humanam rationalem, irascibilem, concupiscibilem esse tradiderunt, quam utique triplicem vim animae ipsa quoque natura et quotidiana experimenta nos docent. Porro quemadmodum circa rationale nostrum, et scientia, et ignorantia constat, tanquam habitus et privatio, sic et circa concupiscibile, desiderium et contemptus; et circa id quod dicitur irascibile, et laetitia pariter et ira versatur.

⁹ “Bebe a água de tua cisterna, a água que jorra do teu poço”, Pr 5, 15.

¹⁰ “Quem, pois, dentre os homens conhece o que é do homem, senão o espírito do homem que nele está? Da mesma forma, o que está em Deus, ninguém o conhece senão o Espírito de Deus”, 1Cor 2, 11.

¹¹ “O homem espiritual, ao contrário, julga a respeito de tudo e por ninguém é julgado”, 1Cor 2, 15.

Sabemos que existem na alma três elementos distintos. Os sábios nos ensinam que a alma é racional, irascível e concupiscível. A natureza e a experiência a cada dia nos confirmam essas três faculdades. Ao nosso ser racional pertencem a ciência e a ignorância, conforme nos exercitemos ou não nele; o concupiscível se manifesta no desejo ou no desprezo, e o irascível na alegria ou na ira (*Na Festividade de Todos os Santos, Sermão 4, 5*).

A **Razão**, a **Concupiscência** e a **Ira** são três potências (ou energias) da alma.¹² A **Razão** discerne o bem do mal – e um bem maior de outro menor, como um mal maior do menor. A **Concupiscência** deseja o bem que a razão discerne, mas a moléstia da carne e o peso do corpo a entorpecem.

Por isso, a **Concupiscência** necessita da contrapartida da **Ira**, que se enraivece contra essa moléstia e peso da carne, se irrita com o mal e se previne contra ele. Bernardo afirma que as três virtudes principais – a **Fé**, a **Esperança** e a **Caridade** – se fundamentam nessas três energias da alma, e discorre sobre a relação entre elas na *Terceira Série de Sentenças*:

Fides prima super rationem, quia illud quod anima per rationem discernit, fides credit et credendo confirmat rationem. Dum enim creditur quod discernitur, confirmatur, et etiam per fidem ratio erigitur ad aeterna et invisibilia. Spes secunda super concupiscentiam fundatur. Spes erigitur in anteriora et invisibilia, et concupiscentiam in eadem erigit ac confirmat, ne descendat ad inferiora. Caritas super iram fundatur, ne sit improvida ira vel superbia, cuius unguentum et lenimentum est caritas, quam sic erigit et confirmat.

Hae tres virtutes unum sunt et diversae, unum quia ab uno descendunt et ad unum tendunt, diversae in officiis et effectibus quos faciunt. Et quia ab uno descendunt et unum sunt, habent unum communem servum, timorem scilicet, qui singulis servit et parat locum illis. Secundum quod diversae sunt, unaquaeque suum et proprium habet servum. Sed ille qui est communis praeest et imperat propriis.

Primeiro, a fé supera a razão, porque a fé crê naquilo que a alma discerne pela razão e, crendo, confirma a razão. Se ela crê o que discerne, confirma, e a fé, mediante a razão, se eleva às realidades eternas e invisíveis. Segundo, a esperança se funda na concupiscência. A esperança se erige às realidades futuras e invisíveis, levanta e confirma a concupiscência naquelas realidades, para que esta não volte a descer e inferiorizar-se. Por sua vez, a caridade se funda na cólera, para que não seja considerada irada ou soberba, e a enaltece com o unguento lenitivo que é a caridade.

Estas três virtudes são uma só e ao mesmo tempo diferentes; unas porque descendem do Uno e ao Uno tendem; diferentes pelos officios e efeitos que executam. E como descendem e são do Uno, têm um evidente servo comum, o temor, que serve a cada uma delas e prepara seus respectivos lugares. Como são diferentes, cada uma tem seu pró-

¹² Repare a filosofia da alma de Bernardo de Claraval é tão positiva que a concupiscência não tem o sentido de apetite sexual, lascívia, luxúria, e sim vontade, desejo – e desejo do bem!

prio servo, mas o que é comum preside e impera sobre os outros (*Terceira Série de Sentenças*, 105).

Por todas essas essências e potências, a alma é a sede da Sabedoria, que Bernardo define como o sétimo dom do Espírito Santo, um “certo sabor interno e de gosto suavíssimo” (*scilicet quidam internus sapor, ac suavissimus gustus*, *Terceira Série de Sentenças*, 126, 7), amor à virtude, sabor do bem – e, por isso, a palavra que a designa deriva de “sabor” (*Sermão 85*, III.8).¹³ Ela pertence à natureza angélica, pois, além de dotada de razão, ela é capaz da beatitude (*Na Festa de São Miguel*, *Sermão 1*, 4).

3. As Três Filhas do Rei

Além de *Sermões* e *Sentenças*, Bernardo de Claraval escreveu oito *Parábolas*, com o objetivo moral de edificar, e, pedagogicamente, distrair o ouvinte fatigado. Suas *Parábolas* complementam e enriquecem o conteúdo das *Sentenças*, como veremos.

Assim, em uma delas, intitulada *As Três Filhas do Rei*, talvez inspirado por uma passagem do *Salmo 45* (15-16)¹⁴, Bernardo nos conta a seguinte estória: havia um rei nobre e poderoso que tinha três filhas: a **Fé**, a **Esperança** e a **Caridade**. Esse rei confiou a elas uma cidade muito importante, a alma humana (*humanam animam*). Essa cidade, a *cidade da alma*, era uma das mais bem protegidas de todo o reino, pois tinha três fortalezas: os apetites racional, concupiscível e irascível.

¹³ O apreço dos medievais pelas palavras é bastante conhecido. As palavras eram portadoras da realidade: “O gosto que os autores medievais tinham pela etimologia derivava de uma atitude com relação à linguagem bastante diferente da que geralmente temos nós hoje. Na Idade Média, ansiava-se por saborear a transparência de cada palavra; para nós, pelo contrário, a linguagem é opaca e costuma ser considerada como mera convenção (e nem reparamos, por exemplo, em que coleira, colar, colarinho, torcicolo e tiracolo se relacionam com colo, pescoço). Na verdade, em muitos casos, por trás do interesse pela etimologia está uma determinada concepção do filosofar, do homem e da linguagem.” – LAUAND, Jean. “Algumas Etimologias de Isidoro de Sevilha”. In: *VIDETUR 25*, *Internet*: <http://www.hottopos.com/videtur25/jeanl.htm>

Por exemplo, em suas *Etimologias*, o bispo Isidoro de Sevilha afirma o mesmo: “Sapiens dictus a sapore; quia sicut gustus aptus est ad discretionem saporis ciborum, sic sapiens ad dinoscentiam rerum atque causarum; quod unumquodque dinoscat, atque sensu veritatis discernat. Cuius contrarius est insipiens, quod sit sine sapore, nec alicuius discretionis vel sensus.” (Sábio, palavra derivada de sabor, porque assim como o gosto é apropriado para discernir o sabor dos alimentos, o sábio está capacitado para apreciar as coisas e suas causas, pois conhece cada uma delas e as discerne com o senso de verdade. O contrário é o insipiente, porque carece de sabor, e não tem senso nem organização), *Etymologiarum X*, 240.

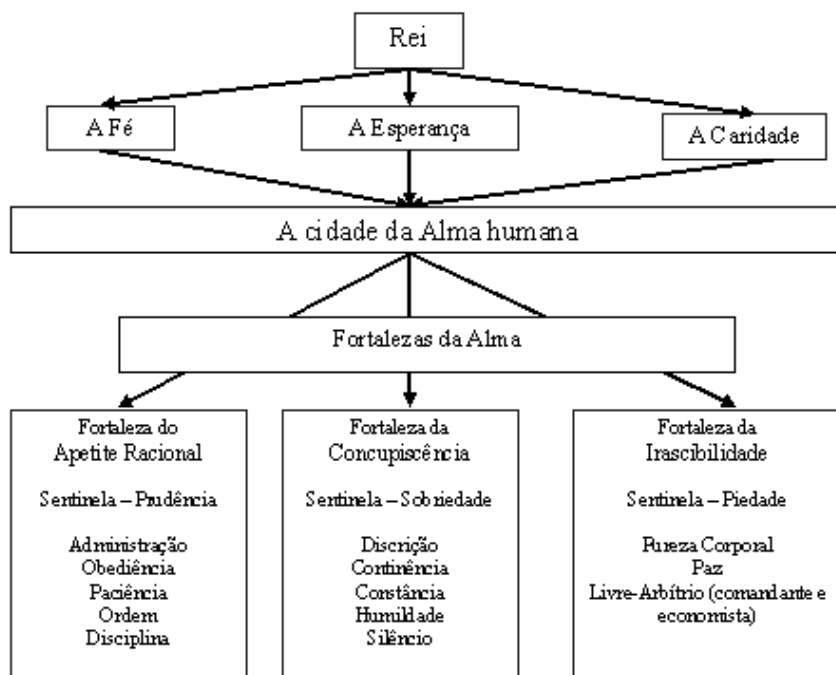
¹⁴ “Vestida com brocados, a filha do rei é levada para dentro, até o rei, com séquito de virgens. Introduzem as companheiras a ela destinadas, e com júbilo e alegria elas entram no palácio”, *Sl 45*, 15-16.

Cada filha ocupou sua fortaleza correspondente: a **Fé**, a primeira, a **Esperança**, a segunda, e a **Caridade** a terceira. A **Fé** guiou o apetite racional porque “a fé não tem mérito se a razão lhe facilita a prova da experiência” (e aqui Bernardo cita o papa Gregório Magno [540-604] e sua *Homilia in Evangelium*, 2, I).

A **Esperança** conduziu a concupiscência, pois não se pode desejar o que se vê, mas o que se espera – e a esperança do que se vê não é esperança.¹⁵ Por fim, a **Caridade** se impôs à irascibilidade, para que o ardor da virtude superasse o ardor da natureza, ou, em outras palavras, para que o ardor natural fosse consumido pelo *ardor da virtude*.

Após essa ordenação, as filhas do Rei começaram a organizar suas fortalezas. A **Fé** colocou a **Prudência** como sentinela e, como assistentes, a **Administração** (*Dispensatio*), a **Obediência**, a **Paciência**, a **Ordem** e a **Disciplina** – para que a **Maldição** não entrasse ali.

Parábola As Três Filhas do Rei



¹⁵ Bernardo cita Romanos 8, 24-25: “Pois nossa salvação é objeto de esperança; e ver o que se espera não é esperar. Acaso alguém espera o que vê? E se esperamos o que não vemos, é na perseverança que o aguardamos”.

A **Esperança** encarregou a **Sobriedade**, e como auxiliares, a **Discrição**, a **Continência**, a **Constância**, a **Humildade** e o **Silêncio** – para que a **Indigência** não entrasse.

A **Caridade** convocou sua amiga, a **Piedade**, que pôs a seu serviço a **Pureza Corporal**, a **Paz** (“porque os pacíficos são beatos”¹⁶) e o **Livre-Arbítrio** como comandante e economista de sua comunidade.

Depois de deixarem todas as fortalezas organizadas, as filhas do rei voltaram à casa de seu pai. Contudo, surgiu um inimigo do homem (*inimicus homo*¹⁷) que, ao ver a prosperidade daquela cidade, se corrou de inveja, urdiu insídias e quis entrar. Para isso, corrompeu dois dos principais cidadãos, a **Discrição** (na fortaleza da **Esperança**) e a **Administração** (na fortaleza da **Fé**).

Esse inimigo introduziu todo o exército de sua malícia através da porta da **Racionalidade** e da **Concupiscência**. O **Livre-Arbítrio** foi acorrentado em um calabouço, e todas as sentinelas expulsas da fortaleza da **Racionalidade**.

A **Blasfêmia** enfrentou a **Fé** e deu vazão a contradições, inquietudes, comoções e perturbações (*confusio*), destruindo suas bases e reivindicando quaisquer caprichos. A sentinela **Disciplina** foi assassinada. Com isso, podiam entrar e sair à vontade, e “...não restou nada de razão na **Razão**” (*in ratione nihil rationis reliquerunt*)!

Na fortaleza da **Esperança** a **Luxúria** entrou e se assenhoreou, entregando a **Continência** à concupiscência da carne, a **Constância** à concupiscência dos olhos¹⁸ e a **Humildade** à ambição do mundo, para que fosse pisada e desprezada. O **Silêncio** foi assassinado, a **Sobriedade**, encarcerada, desterrada e morta. A **Paz**, porteira e sentinela da mais excelsa beatitude, foi custodiada no cárcere mais distante; assim, a **Miséria** pôde entrar.

Altiva, a **Soberba** imediatamente entrou na fortaleza – “porque a soberba dos rebeldes sempre se eleva contra ti”¹⁹ – expulsou a **Piedade** e exilou a **Paz** e toda a sua família.

Estava livre o acesso ao *Santuário do Senhor* – a alma:

Iam quicumque vult, sanctuarium Domini ingreditur; quaecumque sancta in eo, quaecumque hactenus tantum filiis Levi accessibilia erant et visibilia, iam profanata, iam direpta ab inimicis, in Babylonem transferuntur, et de vasis Templi concubinis regis Babylonii vinum propinatur. Sic capta est et confusa tota civitas; secundum gloriam eius facta est ignominia eius.

¹⁶ “Bem-aventurados os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus”, Mt 5, 9.

¹⁷ “Um inimigo é quem fez isso”, Mt 13, 28.

¹⁸ “Porque tudo o que há no mundo – a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e o orgulho da riqueza – não vem do Pai, mas do mundo. Ora, o mundo passa com suas concupiscências; mas o que faz a vontade de Deus permanece eternamente”, 1Jo 2, 16.

¹⁹ “Não te esqueças do rumor de teus adversários, do tumulto crescente dos que se rebelam contra ti”, Sl 74, 23.

Já está livre o acesso ao santuário do Senhor. Os inimigos profanam, espoliam e levam para a Babilônia tudo o que nele era até agora santo e somente acessível e visível aos filhos de Levi, e oferecem vinho nos vasos do templo às concubinas do rei da Babilônia. Assim conquistam e saqueiam toda a cidade, pois, conforme foi sua glória, assim é agora sua ignomínia (*As Três Filhas do Rei*, 5).

Um mensageiro foi informar às senhoras a triste situação da cidade da alma. Conturbadíssimas, elas se lançaram aos pés do Pai e clamaram por socorro. O Rei lamentou todos os acontecimentos e acusou o **Livre-Arbítrio** de negligência. As Filhas do Rei saíram em sua defesa e pediram o auxílio da **Graça**. O Rei respondeu que daria a **Graça**, mas advertiu que o **Temor** deveria acompanhá-la para preparar o caminho.

Assim, o **Temor** chegou à cidade, empunhando o báculo da **Disciplina**. Contudo, encontrou as portas fechadas pelos cadeados do **Mau Hábito**. A nova sentinela, a **Lascívia da Carne**, hostilíssima, aproximou-se do portão e vociferou opróbrios contra o **Temor**.

Após um breve instante de hesitação, o **Temor** quebrou os cadeados, abriu as portas, lançou-se contra a **Lascívia** e, com o báculo da **Disciplina**, perseguiu-a até matá-la. A seguir, empunhou novamente o estandarte da **Graça** sobre os portões, para que todos vissem sua vitória. A **Graça** pôde então retornar, com todo o exército celeste de virtudes (*Virtutum caelestem exercitum*); encheu os inimigos de medo, que, apavorados, fugiram.

A **Discrição** e a **Administração**, arrependidas, retornaram, e pediram perdão por sua fraqueza. O **Livre-Arbítrio** saiu de seu calabouço e correu ao encontro da **Graça** do Rei, sua senhora, convencido que, a partir de agora, ele seria totalmente livre em seu reino:

Praeparantur filiabus regis domus suae, et mensae ponuntur congruae. In mensa quippe Fidei panis ponitur doloris et aqua angustiae, et cetera paenitentiae fercula. In mensa Spei panis confortans, et oleum exhilarans faciem, et cetera consolationis fercula. In mensa Caritatis panis vitae et vinum latificans, et omnes deliciae paradisi. Iam regrediuntur et epulentur et custodiant civitatem. Sed: nisi Dominus custodierit civitatem, frustra vigilat qui custodit eam.

As casas são preparadas para as filhas do Rei, e as mesas postas convenientemente. Na mesa da **Fé** servem o pão da dor²⁰ e a água da angústia²¹, com as demais iguarias da penitência. Na mesa da **Esperança**, o pão que conforta e o azeite que alegria a face²²,

²⁰ “É inútil que madrugueis, e que atraseis o vosso deitar para comer o pão com duros trabalhos: ao seu amado ele o dá enquanto dorme!”, Sl 127, 2.

²¹ “Tu lhe dirás: Assim fala o rei. Lançai este homem na prisão e alimentai-o com pão e água escassos até que eu volte são e salvo”, 1RS 22, 27.

²² “...e o vinho, que alegria o coração do homem; para que ele faça o rosto brilhar com o óleo, e o pão fortaleça o coração do homem”, Sl 104, 15.

com as outras iguarias consolatórias. Na mesa da **Caridade**, o pão da vida²³, o vinho da alegria²⁴ e todas as delícias do Paraíso. Que regressem, comam e custodiam a cidade, pois se o Senhor não guarda a cidade, em vão vigiam as sentinelas.²⁵ (*As Três Filhas do Rei*, 6).

A **Paz** então reinou novamente na *cidade da alma*.

4. Conclusão

A transcendência era, no tempo de Bernardo de Claraval, um dado apriorístico da razão. Não só o princípio de tudo, mas o mundo, os gestos, as coisas, tudo transcendia a materialidade. Platão (c. 427-347) havia ensinado isso – o mundo visível através dos olhos era como uma caverna, uma prisão, e, o limite do cognoscível, a idéia do Bem (*A República*, VII, 517b).

Na *filosofia da alma* de Bernardo há imanência e transcendência: imanência na desordem da concupiscência, ferida pelos vícios; transcendência na razão, na capacidade de entender as coisas. Como Platão (“a faculdade de pensar é, ao que parece, de um caráter mais divino do que tudo o mais”, *A República*, VII, 518e), Bernardo considerava que a razão nos fazia capazes de nos elevarmos às realidades eternas e invisíveis.

A alma, purificada pelo combate aos vícios, era, por excelência, o lugar para se projetar em direção a Deus. Quando voltasse completamente para si, a alma descobriria a Verdade – Bernardo faz eco a Plotino (c. 205-270), que disse que quando a alma se recolhia na unidade e queria ver apenas por si mesma, não se diferenciava do objeto de sua contemplação, que era o Bem, o Uno (*Enéadas*, VI, 3).

Filosofar sobre a alma e suas potências era, para Bernardo de Claraval, a mais elevada forma de meditação e, conseqüentemente, o caminho para sair da caverna, transcender, e vislumbrar o invisível.

Caveamus ergo, dilectissimi, cogitationes inutiles, ut animarum nostrarum facies deco-
ra permaneat.

Diletísimos, evitemos as cogitações inúteis, para que a face de nossa alma se conserve
permanentemente graciosa.

Bernardo de Claraval, *Sermão 6, 2*.

²³ “Jesus lhe disse: ‘Eu sou o pão da vida. Quem vem a mim, nunca mais terá fome, e o que crê em mim nunca mais terá sede”, Jo 6, 35.

²⁴ “...e o vinho, que alegra o coração do homem”, Sl 104, 15.

²⁵ “Se Iahweh não constrói a casa, em vão labutam os seus construtores; se Iahweh não guarda a cidade, em vão vigiam os guardas”, Sl 127, 1.